



קהילת אור ישראל

KEHILAT OR ISRAEL

PARASHAT BAMIDBAR

Shabat 04 de Sivan/5781 | 14 de Maio/2021

Acendimento das Velas: 19:11

Término do Shabat: 20:12

FUTURO DE AMOR REVELADO

DVAR TORÁ

Na Haftará desta semana, lemos uma profecia que descreve como será nossa relação com Hakadosh Baruch Hu no futuro, quando o mundo elevar-se e chegar a seu destino final: “E será naquele dia, perante D-us, não me chamarás mais de *baali*, mas de *ishi*” (duas formas de falar “marido”). Explica Rashi a diferença entre os dois tipos de marido: *baali* refere-se a temor, *ishi*, a amor. Ou seja, no futuro, serviremos a D-us por amor, não por temor!

Porém, podemos perguntar: se o trabalho divino por amor ou temor depende do livre-arbítrio, como a profecia pode dizer como será nossa *avodat Hashem*, uma vez que D-us não interfere na nossa livre escolha?

Explica o Malbim: o passuk está se referindo a D-us. *Baali* vem da palavra *baal*, “dono”, e *ishi* vem de *ishut*, “intimidade”. Ou seja, no futuro D-us mudará sua forma de Se revelar no mundo, apresentando toda a bondade divina de forma clara e revelada para todos, de modo que todos nós decidiremos servir a Hashem por amor!

HALACHOT DE SHAVUOT

HALACHÁ

1. Hadlakat hanerot – acendimento das velas

Existem dois costumes: algumas mulheres acendem as velas no momento em que entra o chag, segundo o horário que consta nos calendários (mais ou menos no mesmo horário do Shabat), outras acendem as velas antes da refeição, assim que o marido chega em casa, antes do Kidush. Os dois costumes têm base na halachá, de modo que cada uma deve seguir o costume que aprendeu. Em ambos os casos, a mulher deve fazer a brachá das velas e a brachá de shehecheianu.

2. Tefilat Arvit e Kidush da noite de Shavuot

Escrevem os poskim (assim traz o Taz) que, como devemos completar os quarenta e nove dias da contagem do Omer, tanto tefilat Arvit quanto o Kidush devem ser feitos quando já é noite com certeza (tzet hacochevrim).

PERGUNTAS DA PARASHÁ

- 1. Qual é o outro nome do livro de Bamidbar e por quê?** Pekudim, porque fala de censos em que Bnei Israel foram contados.
- 2. A partir de que idade foram contados: a. Bnei Israel. b. A tribo de Levi?** a. A partir dos vinte anos. B. Desde um mês de idade.
- 3. Quem, no nosso caso, se chamava "presidente dos presidentes"?** Elazar, filho de Aharon.
- 4. a. Com que idade os leviim começavam a trabalhar? b. Com que idade eles se aposentavam?** a. A partir dos trinta anos. b. Aos cinquenta anos.
- 5. O que aprendemos do passuk: "Um homem para a casa de seus pais"? (Rashi).** Quem tem pai de uma tribo e mãe de outra tribo será contado de acordo com a tribo de seu pai.
- 6. Onde aprendemos a regra: "O bom para o justo é bom para o seu vizinho"?** As tribos adjacentes a Moshe e Aharon que acampavam no lado oriental tornaram-se grandes em Torá.

SHOFTIM – CAPITULO 6 (3)

Midian e Amalek novamente invadem o território de Bnei Israel, acampando na região conhecida como Emek Yzrael, onde atualmente se encontra a cidade de Afula e seus arredores, de Haifa a Tveria.

O atrevimento destes povos provoca a ira de Gidon, e, empurrado por um espírito dos céus, ele toca o shofar e convoca sua família para lutar contra os invasores. Além de sua família, Gidon manda mensageiros para as tribos de Menashe, Asher e Zevulun, para que eles venham à guerra. As tribos vizinhas aceitam seu chamado e vão ao seu encontro, prontos para lutar contra os inimigos.

Mais uma vez, Gidon pede a Hashem um sinal de que vencerá a guerra. Como vimos no começo do capítulo, a emuná do povo está frágil, os grandes milagres da saída do Egito e da entrada em Israel nos dias de Yehoshua já são apenas histórias contadas pelos antepassados. O povo dificilmente acredita em milagres, principalmente pelo fato de não os ter vividos.

Desta vez, Gidon faz o seguinte “desafio”: Ele coloca um pedaço de lã no campo. Se Hashem for apoiar o povo, na manhã seguinte a lã deverá estar úmida do orvalho e o campo, seco. E assim foi. Ainda não convencido, Gidon pede que na segunda noite o contrário aconteça, que a lã esteja seca e o campo, úmido de orvalho. E também nessa noite o sinal pedido se concretiza. Gidon obviamente não estava testando a capacidade de D'us de fazer tais milagres, mas saber se ele era merecedor desse fenômeno.

Inspirado pela Providência Divina, Gidon caminha para guerra, levando junto o povo judeu.

PENSANDO BEM: SHAVUOT 5781

Aqui estamos novamente, pela 3.333ª vez, juntos aos pés do Har Sinai para receber a Torá mais uma vez.

A entrega da Torá é um fenômeno fantástico. Por um lado, já recebemos toda a Torá. Nada ficou nos céus. A partir de 6 de Sivan de 2448, ninguém pode mais argumentar que Hashem mudou de ideia, que nem tudo foi dito, que agora temos novas regras. A Torá está dada.

Por outro lado, a entrega da Torá não é um episódio histórico que relembramos. Em Shavuot de 5781, não **relembraremos** a entrega da Torá, porque esse é um evento que nunca terminou. Já fazem 3.333 anos que a Torá vem sendo entregue ao povo judeu, através do seu estudo e aprofundamento. A cada ano, uma nova etapa, um novo aspecto nasce dentro da alma de Am Israel e revela, ilumina e eleva toda a realidade.

Em alguns dias, receberemos mais uma vez a mesma Torá, porém totalmente nova.

Nós, recebedores da Torá em 5781, somos como anões nos ombros do gigante. Continuamos essa corrente eterna, que vem do Har Sinai e nos encontra aqui, em pleno século XXI, guiando-nos desde o deserto até a realidade virtual, rumo ao mundo sempre vindouro. Em nossas costas pairam esse enorme mérito e responsabilidade, de escutar a voz que sai do Sinai até os dias de hoje, preencher-nos com ela e trazê-la a todo o ser.

“Feliz é o povo cujo destino é este, feliz é o povo cujo D'us é Hashem”.



GÊMEOS

Novamente, encontramos-nos em tempos de guerra, horas em que Am Israel precisa ter muita coragem, força e emuná, seja no caso dos nossos bravos soldados, que colocam a vida em risco pela proteção da nossa pátria, ou todo o povo que vive em Tzion.

Qual o segredo da nossa força? De onde recebemos a coragem e a resistência para esta e todas as nossas batalhas?

Para que um exército ou um povo consiga vencer uma guerra, eles precisam estar convictos do objetivo pelo qual lutam. Precisam saber que todos esses esforços realmente valem a pena, que estão agindo da forma mais correta e nobre. Essa é a maior fonte de poder e vitória de um povo, ainda mais do que qualquer meio militar ou tecnológico.

Quando a dúvida consegue penetrar o coração, automaticamente o povo se enfraquece, perdendo a força para suportar ataques por muito tempo, os soldados perdem a convicção de que estão agindo corretamente e surge todo tipo de fraquezas e pensamentos, de que talvez os sacrifícios não justifiquem a causa. De nada adianta um grande poder, se quem deve usar essa força não tem certeza do seu direito de defender-se e da legitimidade do combate.

Se isso é verdade sobre qualquer povo, é ainda mais correto em relação a Am Israel.

O nosso povo enfrenta um ódio e perseguição completamente desproporcional a qualquer outra nação no decorrer da história. Basta lembrar que somos os únicos cuja perseguição tem um nome específico, “antissemitismo”, que, na prática, significa “perseguição de judeus”. Durante toda a nossa história, tivemos que demonstrar uma força sobrenatural para sobreviver e uma fé ainda maior para manter a nossa convicção, justificando a existência do povo judeu.

Assim foi antes da criação do Estado de Israel e assim continuou sendo após o seu surgimento. Com efeito, uma das principais causas da criação de Medinat Israel foi o fato de estar claro que Am Israel precisava de uma pátria, um lugar onde pudéssemos ser livres e nos proteger dos nossos inimigos. Essa nobre causa foi o grande incentivo que justificou todos os esforços e sacrifícios na criação do Estado judeu, na luta pela sua proteção e pelo seu direito de existir.

Hoje, 73 anos depois, estamos sendo obrigados a avançar para o próximo patamar. Temos que aprofundar a nossa consciência nacional, entendendo não somente que temos o direito de existir, mas elevar a nossa estatura e autoestima como povo e compreender qual é o **propósito** da nossa existência, quem somos nós e qual a nossa missão no mundo.

O signo do mês é Gêmeos. E não à toa. Ao entregar a Torá ao povo judeu, Hashem nos tornou o Seu “parceiro” na criação do mundo e na sua evolução em direção ao objetivo pelo qual ele foi criado. Somos quase como “gêmeos” de D'us no que se refere a elevar a realidade ao seu estado ideal. A partir desse dia, Am Israel carrega a bandeira de Hashem no mundo e é responsável pela sua chegada ao destino final.

Essa ideia é tão forte que recebemos a capacidade de estudar, definir e quase criar Torá. A Torá é a expressão da vontade divina, em princípio, muito além dos limites do alcance humano. Porém, de forma incrível, a vontade de Quem dá a Torá é que façamos parte ativa na revelação da verdade celestial em nosso mundo, dando ao povo judeu a autoridade de estudar a Torá e definir a halachá, a conduta que expressa o que Hashem quer do seu mundo. D'us nos escolheu como parceiros no plano que envolve toda a criação, do começo ao fim.

Para isso fomos escolhidos, recebemos a Torá, recebemos a terra de Israel, voltamos a ela depois de dois mil anos e reconstruímos o Estado de Israel.

A força e a perseverança em nosso caminho virão da compreensão de quem somos. Da lembrança de que o desenvolvimento da nossa nação aqui na terra de Israel é o que traz o bem e a justiça, a felicidade e a prosperidade a toda humanidade. Para isso é que lutamos: essa é a pátria que queremos construir.

Em horas como esta, devemos relembrar esses valores eternos, lembrar quem somos, para o nosso bem e para o bem de toda a humanidade.